



Senhoras e Senhores

Delegados à 107ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho

Distintos Membros da Mesa do Plenário

Tenho a felicidade de intervir nesta sessão do dia 6 de Junho de 2018, precisamente 74 anos depois de um acontecimento que mudou a história da Europa e do Mundo - o início do longo caminho para a reconquista da Liberdade e da Democracia, com o desembarque das tropas aliadas nas praias da Normandia, nesse Dia D de grande envergadura que ficou para a História com o nome de OPERAÇÃO OVERLORD.

Liberdade e Democracia que se conquistam todos os dias das nossas vidas, que não são um produto acabado, mas sim um processo dinâmico e de permanente construção, por forma a que, 74 anos depois de milhares de soldados e civis terem tombado, continua a ser necessário lembrar-nos de todos os Homens e Mulheres que caíram para que a paz fosse possível.

Vivemos um tempo de incerteza, de constante confronto com o despertar de novos populismos e demagogias, da exaltação de fanatismos, terrorismo, xenofobia e aprofundamento das desigualdades, de nacionalismos que julgávamos enterrados nos baús da História.

É por isso que vale a pena o trabalho continuado, persistente, corajoso da OIT e das Nações Unidas, em prol da paz, do princípio do compromisso, da necessidade de se estabelecerem pontes de diálogo permanente, seja ele político e partidário, seja social, com a intervenção cada vez mais necessária dos parceiros sociais, fruto da emanação da vontade da sociedade civil organizada, baseado na salutar divergência de opiniões e até de objectivos e de pressupostos, para se conseguirem acordos que estabeleçam entendimentos, nomeadamente, sobre um novo modelo de distribuição da riqueza gerada pelo trabalho.

Ao longo destes 99 anos de existência, aqui continuamos a verificar que é sempre possível lutar pela harmonia e pela concórdia, porque vale sempre a pena lutar pela paz.

Só ela permite a inclusão.

Só ela nos pode ajudar a combater a pobreza e os esquecidos da vida e abandonados á sua sorte.

A paz surge aliada à tolerância e ao humanismo.

E é com paz que podemos centrar as nossas atenções e as nossas energias a colocar o Homem na centralidade das nossas vidas.

Hoje discutimos o futuro do trabalho e as novas formas de trabalho que vão surgindo.

Mas se não conseguirmos debater o presente, e compreendermos qual o futuro próximo das novas gerações;

Se não formos capazes de estabelecer compromissos para garantir que todos os homens podem construir a sua felicidade através do trabalho, que lhes permita o sustento das suas vidas e das suas famílias, e lhes garanta a estabilidade necessária a constituir essas mesmas famílias, promovendo a natalidade e o sustento dos filhos, a sua educação e a sua saúde;

Se não formos capazes de garantir um envelhecimento activo dos nossos pais e avós, onde a generosidade e o respeito não os abandonem nos seus derradeiros anos de vida;

Se não conseguirmos compatibilizar as nossas vidas profissionais cada vez mais exigentes e stressantes, com as nossas vidas familiares, dedicando mais tempo aos filhos e à família;

Se não conseguirmos combater e afastar do nosso quotidiano a tremenda e injusta desigualdade que continua a evidenciar a disparidade de tratamento, salarial, comportamental, de acesso a cargos de responsabilidade política, ou de gestão empresarial, entre homens e mulheres, onde as Mulheres sofrem, muitas vezes em silêncio, a desigualdade a



que estão votadas, para além de todas as situações conhecidas de assédio e de violência que ainda não conseguimos erradicar;

Se não conseguirmos antecipar um combate contra outras desigualdades com que todos os dias somos confrontados, para além das questões de género, o nosso trabalho será sempre incompleto;

Se não formos capazes de combater a enorme precariedade que se abateu ao longo das últimas décadas sobre o mercado de trabalho, atirando milhões de jovens para uma situação de enorme exclusão e instabilidade, com o risco de desemprego sempre constante e a emigração como consequência da desilusão e da ausência de expectativas;

Se não conseguirmos ultrapassar tudo isto, então como conseguiremos discutir o **FUTURO DO TRABALHO**, se nem hoje conseguimos acertar com o nosso **PRESENTE**?

É por isso, porque acredito no espírito do diálogo social e do compromisso, que a OIT personifica em todo o Mundo, que expresso a minha satisfação e orgulho no Acordo de Concertação Social obtido no passado dia 30 de Maio, no meu País, entre o Governo, as 4 confederações de empregadores e um dos dois parceiros sociais sindicais - a **UGT PORTUGAL**, numa verdadeira expressão de unidade dos actores políticos e sociais **CONTRA A PRECARIIDADE E A FAVOR DA DINAMIZAÇÃO DA NEGOCIAÇÃO COLECTIVA**.

Não é para isso que evidenciamos, na OIT, o espírito do **TRIPARTISMO**?

Então, em nome dos trabalhadores portugueses, que represento nesta Conferência, posso afirmar que cumprimos o nosso dever ético, cívico e sindical - mobilizar as nossas sociedades e todos os nossos países para que, todos os dias, se construa a Democracia - com base no diálogo, no espírito do compromisso e da negociação.

Sabemos que o caminho não é fácil, mas o caminho faz-se caminhando.
É isto que nos deve motivar a todos.

Obrigado e Bem-Hajam.

Carlos Silva
Secretário Geral da UGT PORTUGAL

Genéve, 6 de Junho de 2018